

BRASÍLIA-DF

OS INVESTIDORES
PERCEBERAM QUE,
QUALQUER QUE
SEJA O NOVO
PRESIDENTE
DA REPÚBLICA,
A POLÍTICA
ECONÔMICA
VAI MUDAR



POR
ARLETE SALVADOR

arletes@correioweb.com.br

A lógica do mercado



A temporada de turbulência no mercado financeiro, com aumentos da taxa de câmbio e queda no índice de ações da Bolsa de Valores de São Paulo, já era esperada na campanha eleitoral. A novidade é que ela começou mais cedo, quando o quadro de candidatos ainda não está fechado e a campanha de televisão nem começou. Algumas instituições financeiras internacionais chegaram a recomendar a seus clientes que deixassem de investir no Brasil. Junte-se a isso a possibilidade real de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ganhar a eleição e a crise da candidatura José Serra, do PSDB, e parece que o país embicou em direção ao caos generalizado. O medo voltou a rondar os eleitores.

Tudo é diferente nas eleições deste ano, inclusive a reação do mercado, em relação às anteriores. Principalmente, em relação à de 1989, quando o mesmo Lula esteve muito perto de vencer e Mário Amato, ex-presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, previu que milhares de empresas deixariam o país. A história é outra. Dessa vez, há uma percepção clara do mercado de que, qualquer que seja o novo presidente, a política econômica mudará. Não por acaso, as propostas básicas dos quatro candidatos ainda na disputa serão bastante semelhantes. Todos defendem uma redução gradual da taxa de juros.

“A própria equipe econômica atual se prepara para essa mudança”, explica Alberto Borges Mattias, professor livre-docente de Finanças da Universidade de São Paulo e um especialista em bancos. “E o primeiro sinal dessa mudança é o Sistema de Pagamentos Brasileiro”, acrescenta. Trata-se do sistema que permite a transmissão instantânea de dinheiro entre os bancos. Assim, segundo o professor, o que os investidores estão percebendo é que o Brasil, sob qualquer novo governo, já não será um paraíso para o capital especulativo.

E isso porque a política de juros altos ameaça estrangular o país, independentemente de quem seja o novo presidente. Por conta dela, a dívida interna brasileira pulou de R\$ 60 bilhões para R\$ 720 bilhões. O país não terá fôlego, com as atuais baixas taxas de crescimento, para agüentar a velocidade de crescimento da dívida, sempre acrescidas de mais e mais juros. Na prática, isso significa que o risco de investimento no país aumentou e, mantida a proposta de redução dos juros, o retorno deve diminuir.

Quando recomendam a transferência de investimentos de um lugar para outro, as instituições financeiras levam em conta, justamente, essa relação risco x retorno. É o que acontece em qualquer jogo. Quanto maior o risco a que se expõe o jogador, mais ele pode ganhar. Risco menor implica retorno menor. Não é à toa, portanto, que alguns bancos sugeriram aos seus clientes que mandassem o seu dinheiro para o México.

Atribuir essa recomendação a este ou aquele candidato é manipulação política. Parte do mercado utiliza uma lógica bastante confusa para jogar a culpa nas costas de Lula. Para esses investidores, dada a realidade econômica, criada pelo governo atual, é melhor não mudar, porque a situação pode piorar. É o que se chama de lógica conservadora ou ortodoxa. Enquanto pessoas querem mudar, quando algo não vai bem nas suas vidas — e essa é uma das motivações dos eleitores —, mercados preferem deixar tudo como está.

O curioso, diz o professor Alberto Borges, é que a esquerda, para colocar seus planos em prática, se ganhar a eleição, terá de ser muito mais ortodoxa do que um eventual ganhador do lado conservador. Justamente para não correr o risco de ver investimentos deixarem o país em níveis que possam comprometer a realização de suas propostas sociais. Ou de deixar de recebê-los.